

NOSSOS CLÁSSICOS

CARL RITTER: EDUCADOR E GEÓGRAFO

LEONARDO ARANTES

O texto que ora apresento, vertido diretamente do alemão para a língua portuguesa, consiste num artigo – o primeiro do autor – publicado na *Zeitschrift für Pädagogik, Erziehungs- und Schulwesen. Bd. 2, Heft 7, 1806, S. 198-218* (Revista de Pedagogia, Educação e Ensino, Volume 2, Caderno 7, 1806, p. 198-218) sob o título *Einige Bemerkungen über den methodischen Unterricht in der Geographie* (Algumas observações sobre o ensino metódico na Geografia), assinado por um dos mais bem sucedidos educadores da cidade de Frankfurt, ao lado de Hegel e Hölderlin, na passagem do século XVIII para o XIX. Trata-se daquele que posteriormente viria a ser consagrado pela historiografia da Geografia, juntamente com seu amigo Alexander von Humboldt, como um dos cofundadores da Ciência Geográfica moderna: refiro-me aqui ao autointitulado educador, o geógrafo Carl Ritter (1779-1859).

Oriundo de família pequeno-burguesa da Alta Saxônia, da vila de Quedlinburg – que ganhara notoriedade com o seu filho mais ilustre, o poeta Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) – Carl Ritter apresenta desde pequeno aptidões para o estudo da Geografia, tal como logo constatara seu mestre Guts Muths, tutor da família Ritter que, após o falecimento do pai do pequeno Carl, o acompanha, a convite do pedagogo e filantropo Salzmann, ao seu recém-fundado educandário em Schnepfenthal. Aí o jovem Carl é educado sob os preceitos da filosofia pedagógica de Jean-Jacques Rousseau e sob forte influência do pietismo, diga-se de passagem, fortemente presente já em seu ambiente familiar, até ser convidado para se tornar tutor dos filhos de um banqueiro de Frankfurt. Financiada pelo mesmo, realiza, antes de sua transferência para a maior e mais importante cidade do estado de Hesse,

seus estudos na universidade de Halle, na qual se matricula para realizar o curso de Ciências Camerais, uma espécie de ciência da administração estatal da sociedade de corte. Epicentro do pietismo, Halle aguça ainda mais em Ritter seu sentimento religioso, marcadamente presente em toda a sua produção.¹

Dirigindo-se para Frankfurt, Ritter passa então a exercer com destreza seu ofício de educador junto aos dois filhos do banqueiro Bethmann-Hollweg e, com eles, posteriormente, também junto ao filho, órfão de mãe, do grande médico, anatomista e antropólogo Sömmering, com quem estabeleceu laços de amizade e de quem certamente também absorvera o método comparativo. Enquanto educador, Ritter empreende inúmeras viagens junto aos seus pupilos, muitas das quais rumo à Suíça, onde tem a oportunidade de travar relações com aquele que se tornaria a sua maior referência: o pedagogo e filantropo Pestalozzi. E é também numa de suas primeiras viagens àquele país que Ritter tem a oportunidade de conhecer e conviver, por mais de uma semana, com o já consagrado naturalista, desbravador científico das Américas, Alexander von Humboldt. A profunda impressão que este exercera sobre seu espírito fora por ele mesmo descrita em carta datada de 23 de novembro de 1807 ao seu mestre Guts Muths:

... Mas uma das mesmas (razões de desculpa pelo longo silêncio) eu tenho mesmo que te informar. Agora já são oito dias que eu desfruto da grande sorte de conviver com Alexander von Humboldt. Ele é um dos mais interessantes seres humanos que eu jamais vi. Logo na primeira noite de sua estadia aqui eu tive a sorte de tornar-me conhecido dele mais próximo; desde então eu passei as horas mais prazerosas ao seu lado. Você não pode nem mesmo imaginar suficientemente o quão grande é a extensão de seus conhecimentos, e seu dom de exposição é apaixonante, sua linguagem bela, sua essência inteira da maior vivacidade, seu caráter amável no convívio. Eu o ouvi falar muitíssimo sobre os resultados que ele trouxe consigo da grande viagem, ora com *médicos* sobre Anatomia, Fisiologia dos seres humanos e dos animais, sobre estabelecimentos médicos, sobre a febre amarela, sobre a influência do clima na saúde, na formação etc., ora com *mineralogistas*, por exemplo, com o Dr. Ebel, sobre sistemas minerais dos tempos antigos e recentes, sobre Geologia, a constituição da Terra, das cordilheiras, sobre as formas de relevo das cadeias de montanha da Terra em geral, sobre sua fisionomia, sobre as crateras do Etna, do Vesúvio, do Pico de Tenerife, do Cotopaxi e como todos estes se chamam, os quais ele próprio escalou e fez experimentos químicos sobre os tipos de ar dentro de suas crateras. Ora com *naturalistas* sobre esqueletos fósseis e milhões de ossos que ele encontrou nos vales e nas elevações da

¹ Ver: BECK, Hanno. *Carl Ritter: Genio de la Geografía*. Sobre su vida y su obra. Bonn: Internationes, 1979.

América do Sul, sobre os habitantes de cada clima, alegrias e sofrimentos, sobre os animais anti-diluvianos, as espécies extintas e as que ainda existem; ora com *botânicos* sobre o mundo vegetal das zonas quentes e outras – sempre tive mesmo de admirá-lo. Quanta admiração ouvi-lo falar sobre o estado moral e cultural do outro mundo, sobre a pré-história dos indígenas, sobre as ruínas de seus monumentos de arte que ele viu, sobre o restante de suas ciências, que ele resgatou em seus manuscritos. Ele compartilhou comigo suas observações astronômicas, explicou seus experimentos eudiométricos dos tipos de ar, apresentou intuitivamente suas investigações sobre a temperatura do mar e suas profundidades, sobre as correntes marítimas etc. – ele quer mesmo nos presentear ainda com uma tarde e mostrar a mim e a meus amigos a coleção de cerca de 70 mapas e quadros que ele próprio em parte produziu ou mesmo trouxe todos da América, e acompanhá-los de suas explicações. Você vê facilmente como eu, durante estes dias, tinha de estar perdido com todas as outras coisas e como todo meu tempo tinha de pertencer apenas a ele e pensando nele. Nunca nenhuma imagem em si completa de uma região havia ainda me despertado, de maneira tão intuitiva, quanto a que se originou em mim, através de Humboldt, das cordilheiras. Eu tive tanto mais pontos de contato com ele do que quando eu havia devorado com uma espécie de fome canina todas as suas obras publicadas. Enorme ganho obtém a *physische Geographie* através deste homem. (...) (RITTER apud PLEWE, 1959, p. 133-34 [1986, p. 294-295]², tradução nossa).

São exatamente desse período duas das mais importantes obras geográficas de Alexander von Humboldt: o “Ensaio sobre a Geografia das plantas” (1805 – versão francesa e 1807 – versão alemã) e os “Aspectos da natureza” (1807). É também desse período a primeira obra de Ritter *Europa, ein geographisch-historisch-statistisches Gemälde für Freunde und Lehrer der Geographie, für Jünglinge die ihren Cursus vollendet, den jedem Lehrbuch zu gebrauchen* (1804) (“Europa, um quadro geográfico-histórico-estatístico para amigos e professores de Geografia, para jovens que concluíram seu curso e a cada um que necessitar de livro didático”), cujo subtítulo é bastante elucidativo no que diz respeito a seus objetivos, e da qual o segundo volume sairá três anos mais tarde, em 1807. Na introdução do primeiro

² Ver: PLEWE, Ernst. *Geographie in Vergangenheit und Gegenwart*. Ausgewählte Beiträge zur Geschichte und Methode des Faches. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1986.

volume desta obra, Ritter apresenta o objetivo e as perspectivas a partir das quais este primeiro trabalho de fôlego é elaborado:

(...) Meu trabalho foi determinado para o público mais formado, do qual pude pressupor os primeiros conhecimentos geográficos ou ao qual seria mais fácil se familiarizar um pouco com o detalhe e com a topografia de uma região [Land] a partir de manuais comuns. Meu objetivo foi alçar o leitor a uma visão vívida de toda a região [Land], *de sua natureza e de seu produto artístico, do ser humano e do mundo natural, e apresentar isso tudo enquanto um todo em concatenação, dado que os resultados mais importantes sobre a natureza e os seres humanos* se desenvolveram de si, sobretudo através das comparações mútuas. Isso só pôde acontecer pelo fato de que eu apresentei em uma linguagem séria, compacta tanto quanto possível, o singular sempre dentro do ponto de vista do todo e, deste modo, não apenas observações gerais, mas sim forneci uma série de fatos e descrições numa conexão espiritual, da qual eu sempre busquei dar o característico ao rótulo de seu objeto. Fico lisonjeado em ter dado ao professor de Geografia muito material para o ensino nesta ciência e, ao diletante, um extrato compacto acerca do mais essencial e com base em muitas das melhores e mais novas obras específicas de História natural e Geografia e Literatura de viagem, cujo acesso em parte muito custoso ou cuja leitura lhe tomaria muito tempo. Por isto, a linguagem é curta e frequentemente quebrada, a impressão muito compacta, reduzindo toda a prolixidade. Elaborar este livro desta maneira tinha se tornado a mim mesmo uma necessidade para o ensino. Uma vez que minha intenção principal era o *enobrecimento do espírito* e não simples coleção para a memória, eu busquei, deste modo, trazer tudo quanto possível para dentro da conexão e apresentar tudo enquanto causa e efeito; busquei fazer a Geografia de maneira pragmática, se me for permitido servir-me dessa expressão. A *Terra* e seus *habitantes* estão dentro de uma relação de troca e uma parte não se deixa apresentar confiavelmente sem a outra em todas as suas relações. Daí História e Geografia sempre terem de permanecer companheiras inseparáveis. A terra age sobre os habitantes e os habitantes sobre a terra. Em primeiro lugar, daí segue na Geografia de cada reino uma *introdução histórica*, que nos mostra muito brevemente como o povo e o Estado se desenvolveu, se formou sob as relações permanentes. Ela nos dá quando muito a escala daquilo que estamos habilitados a esperar do estado atual dos seres humanos e da terra [Land]; ela deve mostrar o que a terra [Land] deve ao homem. Por conseguinte, apresenta apenas a *história cultural* e trata a *história política* somente até o ponto em que ela tem influência sobre a formação do Estado e sobre a forma de

governo, da qual, por sua vez, tanta coisa depende. É justo mostrar então também o que a natureza fez para o ser humano. Infelizmente nossa história cultural não prosperou ainda a nenhum grau superior de realização e foi trabalhada apenas de maneira fragmentária. Daí minha elaboração ter sido aqui e ali bem enxuta; porém, de maneira tanto mais aprimorada são esclarecidos muitos ramos da História natural e da Geografia física. A mim me parece como se tivéssemos tratado até agora a importante influência do *arranjo da natureza* nas Geografias de maneira muito fraca e superficial, e eu tomei isto para mim com especial atenção a fim de mostrar sua influência. Assim como a *Chronologia* é a base da História, sem cuja ajuda todos os fatos ficam confusos, do mesmo modo me parece ser necessariamente o *arranjo físico* a base da Geografia (no espaço, tal como aquela no tempo). Ele é o esqueleto em torno do qual todo o resto é apenas carne e músculo. Ele dá à conexão total e a cada parte seu caráter particular e sua vida.

Agora podemos ver o que ambas em conjunto, natureza e arte ou esforço humano, ensejam: *produtos*. Sua aquisição é a fonte de toda atividade e sua posse quase o único objetivo de toda ambição. Por isto eles merecem uma descrição mais precisa. Eles põem em movimento *manufaturas*, todo tipo de produção e comércio. Tão múltiplo é o detalhe de todos estes objetos, de modo que nos é permitido mesmo trazê-lo de novo através de números sob certos aspectos principais, os quais apenas são capazes de fixar o resultado. Aqui nós utilizamos os dados da Estatística. A apresentação de toda produção e do comércio nos dirigem então de volta mais uma vez para o ser humano, o objeto principal de nossos esforços. Nós o consideramos, em primeiro lugar, em suas relações físicas, em seguida, em suas relações morais e intelectuais e dentro daquilo que age preferencialmente sobre estas: *religião, educação e governo*. Por fim, voltamo-nos para seus *agrupamentos sociais*, enquanto cidadão ou servo de um Estado, em seguida, de volta para o Estado em si, e encerramos esse todo em concatenação com o poder que o Estado possui para obter sua existência e sua duração também em suas relações mais adversas. Para o panorama mais leve do estado da cultura de cada reino estão anexadas tabelas de cidades que estão completamente reelaboradas e de maneira tão completa, tal como a mim me pareceu necessariamente ser para este fim. (...)

C. Ritter, Educador” (RITTER, 1804, tradução nossa).

Contemplação da parte em sua relação com o todo em concatenação, método comparativo, aplicabilidade no ensino, indissociabilidade entre Geografia e História, recurso à matematização do concreto, reconhecimento do produto ou mercadoria como elemento estruturante da própria organização social de seu tempo, relação cidade-cidadão–campo-servo dentro do Estado e seu poder. Perspectivas, métodos e

questões contempladas por Ritter em sua obra mais importante delineiam-se, por assim dizer, de maneira bastante clara já aqui nesta primeira obra. Chamo a atenção ainda, mais uma vez, para o fato de Ritter, a despeito de toda a aplicação e empenho no âmbito da Geografia, não se reconhecer como geógrafo, mas sim como educador, como se pode notar na assinatura à introdução desta obra.

Na esteira de sua obra sobre o continente europeu, Ritter publica no ano de 1806, quando da preparação do segundo volume daquela, um atlas intitulado *Sechs Karten von Europa über Produkte, physikalische Geographie und Bewohner dieses Erdtheils* (“Seis Mapas da Europa sobre produtos, geografia física e habitantes deste continente”), do qual reproduzo em anexo, a título de exemplificação, um dos mapas nele contidos. Neste mesmo ano, aparece também o artigo aqui traduzido.

A despeito de suas atenções neste artigo estarem voltadas para questões de ordem metodológica no âmbito do ensino de Geografia, muito em função das reflexões despertadas a partir da leitura de um artigo publicado no mesmo periódico acerca de tal temática, bem como de sua experiência enquanto educador no seio da família Bethmann-Hollweg, Ritter se vê obrigado a refletir acerca da natureza desta ciência. Acaba, com isto, por fornecer-nos, de certo modo, o estado da arte da Geografia e seu ensino no início do século XIX. Produz simultaneamente algumas reflexões importantes que deixam transparecer suas filiações e que, exatamente por tudo isto, merecem a nossa atenção.

Problemas conceituais enfrentados pela Geografia daquele período ficam também patentes no texto a partir de uma terminologia truncada nele presente, em cuja tradução procurei ser o mais fiel possível, mantendo sempre o original ao lado, na esperança de possibilitar ao leitor um melhor entendimento sobre a disputa terminológica em questão, mas sem perder de vista que Ritter não tem por foco dar conta propriamente de tais questões, mas sim dos problemas de ordem didático-pedagógica no âmbito deste campo disciplinar.

Acima de tudo, porém, é a defesa que Ritter faz da Geografia, o alçar a Geografia a uma de suas funções sociais mais fundamentais e relevantes, justamente aquela ligada ao seu papel de formação do homem como cidadão por meio da construção de uma visão de mundo e do estímulo à imaginação geográfica que ela é capaz de produzir – e não como um mero saber enciclopédico mnemônico despropositado –, a que o presente texto se presta. Vamos a ele.